

# METAMORFOSES. DAS UNIVERSIDADES, DAS HUMANIDADES E DA POLÍTICA NO CONTEXTO LUSO-ALEMÃO DE TRANSIÇÃO PARA O PÓS-GUERRA\*

FERNANDO CLARA\*\*

**Resumo:** *Nas últimas duas décadas, têm sido publicados diversos estudos sobre o papel das universidades nos regimes autoritários da primeira metade do século XX. Mais recentemente, tem-se procurado perceber o papel destas instituições num quadro político internacional alargado, chamando a atenção para as redes académicas internacionais então constituídas ou para a circulação e apropriação de ideias durante o período. O ensaio debruça-se sobre um relato de viagem à Península Ibérica de Willy Andreas, historiador e reitor da Universidade de Heidelberg, entre 1931 e 1933. Publicado em 1949, numa fase muito sensível de transição para o mundo do pós-guerra, a viagem descrita no livro teve, no entanto, lugar em 1944. Procura-se reconstruir os contextos tanto da publicação como da viagem. Dá-se especial atenção às redes universitárias luso-alemãs da época.*

**Palavras-chave:** *Universidade; Política; Regimes autoritários; Pós-guerra; Redes académicas luso-alemãs; Willy Andreas, Hans-Georg Gadamer.*

**Abstract:** *The past two decades have seen the publication of several studies on the role of universities in the authoritarian regimes of the first half of the 20<sup>th</sup> century. More recently, efforts have been made to understand the role of these institutions in a broader international political framework, drawing attention to the international academic networks formed at the time or to the circulation and appropriation of ideas during the period. The essay focuses on a travelogue to the Iberian Peninsula by Willy Andreas, historian and rector of the University of Heidelberg between 1931 and 1933. Published in 1949, in a very sensitive phase of transition to the post-war world, the book describes a journey that took place in 1944. An attempt is made to reconstruct the contexts of both the book and the journey. Special attention is paid to the German-Portuguese academic networks of the time.*

**Keywords:** *University; Politics; Authoritarian regimes; Post-war; German-Portuguese academic networks; Willy Andreas; Hans-Georg Gadamer.*

## AS UNIVERSIDADES, A POLÍTICA E AS HUMANIDADES NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

Nas últimas duas décadas têm surgido diversos estudos sobre o papel das universidades nos regimes autoritários da primeira metade do século XX<sup>1</sup>. O interesse que está na origem destes trabalhos não é novo. De facto, logo após a queda do regime

---

\* O autor não segue o Acordo Ortográfico de 1990.

\*\* Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Email: f.clara@fcs.h.unl.pt. ORCID: 0000-0001-7879-9527.

<sup>1</sup> Cf. BIALAS, RABINBACH, eds., 2007; CONNELLY, GRÜTTNER, eds., 2005; GRÜTTNER et al., eds., 2010, entre muitos outros.

nazi, o judeu emigrado Max Weinreich debruçara-se já de uma forma precursora sobre o papel da universidade e dos professores universitários na Alemanha nazi<sup>2</sup> e, à passagem dos vinte anos do fim do conflito mundial, caberia — finalmente — às universidades alemãs entrarem num processo de introspecção e reflexão críticas sobre os acontecimentos de que foram palco e as transformações que protagonizaram entre 1933 e 1945<sup>3</sup>. A partir dos anos de 1980, seguir-se-iam, na Alemanha, inúmeras outras publicações que confrontam o passado universitário local<sup>4</sup> ou a evolução — leia-se «nazificação» — de campos disciplinares específicos ao longo do período em questão<sup>5</sup>.

Genericamente, estes trabalhos desenvolvem-se sob um pano de fundo comum, constituído pela necessidade de compreender criticamente o passado recente, e exploram temáticas diversas, que vão desde o peso da ciência e dos institutos de investigação científica no desenrolar do conflito ao papel da educação (e, em especial, do ensino superior) na formação das mentalidades e políticas autoritárias da época, sem esquecer, naturalmente, o quadro fortemente repressivo que a vida universitária então conheceu, com a expulsão de docentes e estudantes, segregação de minorias, silenciamento de doutrinas ou quadros teóricos incómodos para os regimes políticos vigentes.

Esta constelação temática conheceu, entretanto, uma transformação significativa nas últimas décadas, com a «viragem internacional» (ou, se se preferir, «transnacional») que afectou sobretudo a área da História<sup>6</sup> e colocou as noções de «rede», «relação», «mobilidade», «circulação», «transferência», «apropriação» ou «internacionalização» no centro das atenções e interesses académicos. Ora, justamente, no quadro de uma análise atenta à questão inter- ou transnacional, as universidades, enquanto importantes plataformas de intercâmbio e de internacionalização dos regimes autoritários, ganharam um novo protagonismo<sup>7</sup>, desde logo porque oferecem uma perspectiva privilegiada sobre o «paradoxo pan-fascista»<sup>8</sup>, *i. e.*, revelam e, ao mesmo tempo, permitem perceber as complexas teias internacionais paradoxalmente tecidas por regimes radicalmente nacionalistas que se diziam autárcicos e «solitários» apesar de se mostrarem «solidários» entre si<sup>9</sup>. É de resto neste âmbito que as humanidades e os estudos sobre as filologias modernas (nomeadamente a romanística e a germanística) tendem a ganhar um renovado destaque, já que tiveram, enquanto plataformas de mediação cultural, científica e (obviamente também) política, um papel de inegável relevância na época.

---

<sup>2</sup> WEINREICH, 1946.

<sup>3</sup> FLITNER, *ed.*, 1965; UNIVERSITÄTSTAGE, 1966.

<sup>4</sup> Vejam-se, a título de exemplo, BECKER, DAHMS, WEGELER, *eds.*, 1998; GOLCZEWSKI, 1988; VEZINA, 1982.

<sup>5</sup> ALLEMANN, *ed.*, 1983; DOW, LIXFELD, *eds.*, 1994; HAUSMANN, *ed.*, 2002; JÜTTE, 2011.

<sup>6</sup> Cf. IRIYE, 2013.

<sup>7</sup> Cf. BAUERKÄMPER, ROSSOLIŃSKI-LIEBE, *eds.*, 2017; DAFINGER, POHL, *eds.*, 2019; ALBRECHT *et al.*, *eds.*, 2022.

<sup>8</sup> BROUWER, 2022.

<sup>9</sup> DAFINGER, 2017.

A intimidade da relação entre as universidades, as humanidades e a política, que aqui se adivinha e atravessa toda a primeira metade do século XX, não deveria ser motivo de surpresa, especialmente para quem trabalhe na área da germanística. Basta recordar o conhecido apelo «ao mundo da cultura», assinado por diversos intelectuais alemães e publicado em 5 de Outubro de 1914, no «Freiburger Zeitung»<sup>10</sup>, ou a «Declaração dos professores das universidades e das escolas superiores do Império Alemão»<sup>11</sup>, surgida pouco mais de duas semanas depois. São ambos documentos que marcam, sem dúvida, um momento decisivo da entrada em cena do mundo universitário no palco da política internacional, momento esse que, de resto — e justamente pela dimensão simbólica que adquiriu —, viria a ser emulado pelo regime nazi em 1933 com a «Declaração de apoio a Adolf Hitler e ao Estado nacional-socialista dos professores das universidades e das escolas superiores alemãs»<sup>12</sup>. Mas não seria historicamente justo (nem correcto) ver nestes documentos de 1914 e 1933 o início de uma relação entre as universidades e a política que haveria de ser tão profícua ao longo da primeira metade do século XX.

Com efeito, se se tiver em consideração o congresso fundador da germanística, que teve lugar na cidade de Frankfurt, em Setembro de 1846, e todo o quadro histórico, político e social em que este se desenrolou — nomeadamente as notícias dos jornais da época que o anunciam como um evento de cariz eminentemente político sobre a questão do Schleswig-Holstein<sup>13</sup> —, rapidamente se constata que algumas áreas universitárias das humanidades, como o Direito, a História ou a Filologia, estão umbilicalmente ligadas à política, e mais especificamente às políticas nacionalistas dos respectivos Estados, já desde meados do século XIX. Sob este ponto de vista, a primeira metade do século XX constitui menos o início da politização das universidades do que o culminar de um processo mais global de politização do saber. Trata-se, aliás, de um processo que diversas vozes universitárias da época perseguem e anseiam, como é o caso de Gustav Adolf Rein, um dos signatários da declaração dos professores alemães a favor de Hitler e do Estado nacional-socialista em 1933<sup>14</sup> e docente da Universidade de Hamburgo, da qual seria também reitor entre 1934 e 1938. Num ensaio publicado em 1933 e intitulado *Die Idee der politischen Universität*<sup>15</sup>, Rein faz a apologia de uma «nova universidade» para a «nova Alemanha», seguindo uma linha de raciocínio histórico-cronológica que reflecte bem a mentalidade característica do período e a centralidade que a política aí adquirira: se cada época teve a sua universidade — a universidade dos séculos XIV a XVII fora uma

<sup>10</sup> AN DIE KULTURWELT, 1914.

<sup>11</sup> ERKLÄRUNG, 1914.

<sup>12</sup> BEKENNTNIS, 1933.

<sup>13</sup> VERHANDLUNGEN, 1846.

<sup>14</sup> Cf. BEKENNTNIS, 1933: 130.

<sup>15</sup> REIN, 1933.

«universidade teológica», e a universidade dos séculos XVIII e XIX uma «universidade filosófico-humanística» —, a universidade do século XX teria necessariamente de ser uma «universidade política»<sup>16</sup>, *i. e.*, uma universidade disciplinarmente subordinada à política e regulada pelo poder político<sup>17</sup>.

Os estudos que se debruçam sobre os contextos universitários luso-alemães entre 1933 e 1945 não têm sido alheios a algumas das questões aqui brevemente afloradas<sup>18</sup>. E cumpre aliás sublinhar que também o mundo universitário português da época estava já atento a esta permeabilidade da universidade à política, uma vez que a única tradução para uma língua estrangeira do ensaio de Rein foi justamente feita para a língua portuguesa, em 1937, por João da Providência Costa, catedrático de filologia germânica da Universidade de Coimbra e primeiro director do instituto alemão daquela universidade<sup>19</sup>. Neste âmbito há, no entanto, ainda muito por fazer e para fazer. O caso que será de seguida objecto de breve análise procura, no essencial, contribuir para compreender melhor e de uma forma mais abrangente as redes, as relações e os indivíduos que sustentam e promovem a circulação destas ideias, e tem sobretudo o mérito de expor algumas das redes académicas luso-alemãs da época numa fase particularmente sensível para os dois países, a saber: a fase da transição para o pós-guerra.

### HEIDELBERG-LISBOA: WILLY ANDREAS *ET AL.*

Em 1949, o historiador Willy Andreas, que, entre 1931 e 1933, havia sido reitor da Universidade de Heidelberg, publica o relato de uma viagem à Península Ibérica<sup>20</sup>, cujo título — *Reisebilder aus Spanien und Portugal* — parece ecoar, de uma forma provavelmente não inocente, o título de um conhecido livro de viagens do judeu-alemão Heinrich Heine. No início do prefácio, são explicadas as origens do livro:

*Dieses Buch ist aus Aufzeichnungen entstanden, die ich ursprünglich nur für meine Familie niederschrieb. Zugleich leitete mich, als ich die Feder ansetzte,*

<sup>16</sup> REIN, 1933: 5-6.

<sup>17</sup> O ensaio constitui a base do seu discurso de tomada de posse como reitor da Universidade de Hamburgo, em Novembro de 1934, discurso esse que é entretanto bem mais radical e explícito em relação aos princípios nacional-socialistas que o seu autor perfilha; REIN, 1934.

<sup>18</sup> Cf. entre outros DELILLE, 2003; TORGAL, 2000, 2019; NINHOS, 2016a, 2016b; CLARA, 2013. Os estudos aqui referenciados discutem especificamente o quadro das relações universitárias luso-alemãs. Olhares mais abrangentes sobre o relacionamento luso-alemão da época são proporcionados em vários dos volumes editados dos Diálogos Luso-Alemães, assim como em diversos outros trabalhos de Luís Reis Torgal, Irene Pimentel ou Cláudia Ninhos.

<sup>19</sup> REIN, 1937. Sobre esta tradução portuguesa do ensaio de Rein, veja-se também TORGAL, 2009: I, 526-529. Digno de nota, neste contexto, é o facto de o reitor cessante da Universidade de Hamburgo, Eberhard Schmidt, se alongar no seu discurso de despedida sobre o desenvolvimento das áreas mais ligadas ao conhecimento do estrangeiro (*Auslandskunde*), referindo-se nomeadamente às conferências de professores convidados estrangeiros que tiveram lugar durante o seu mandato e destacando, de entre os conferencistas, o nome de Providência Costa; SCHMIDT, 1934: 11.

<sup>20</sup> ANDREAS, 1949.

*das Bedürfnis, den Eindrücken Gestalt zu geben, die in wenigen Wochen auf mich eingestürmt waren und mich seither immer wieder beschäftigten. Denn selten wirkte das Erlebnis einer Reise so tief in mir nach wie jener Ferienbesuch in Spanien, den ich durch einen Abstecher nach Lissabon bereichern konnte*<sup>21</sup>.

O tom, relativamente trivial para o prefácio de um qualquer relato de viagem, rapidamente se transforma, no entanto, quando, um pouco mais adiante, o autor refere que a viagem de «férias» teve lugar alguns anos antes, durante a guerra, e decorreu de um convite do Instituto Diego Velazquez de Madrid para proferir uma palestra, convite esse que Andreas não viu como recusar «obwohl und gerade weil sie mich mitten im Kriege erreichte»<sup>22</sup>. A publicação do livro em 1949 procura ir ao encontro do interesse do público alemão da época, que o autor imagina estar ávido de notícias do estrangeiro face ao isolamento da Alemanha no pós-guerra: «In einem Augenblick, wo uns das Ausland verschlossen ist und auch die Bücher über fremde Länder so selten und schwer erreichbar geworden sind, werden vielleicht manche Leser gerne zu dem meinen greifen»<sup>23</sup>.

A viagem a Espanha e Portugal é o primeiro livro de Andreas depois do final da guerra, e é um volume *sui generis* a vários títulos, seja porque se trata de uma obra de excepção no conjunto da produção fundamentalmente histórica do autor, seja porque há uma diferença radical de contexto entre o momento da viagem e o momento da publicação do livro que lhe empresta uma estranheza e uma ambiguidade invulgares.

Com efeito, «viagem de férias» e «guerra» estão em campos semânticos muito distantes e não combinam exactamente de uma forma harmoniosa. É claro que a viagem a uma Península Ibérica que tinha sido poupada aos horrores da guerra podia ser considerada uma viagem de relativo lazer para quem se deslocasse do centro devastado da Europa, mas, a verdade, é que esta diferença temporal entre o momento da viagem e os momentos da sua escrita e publicação causam algum desconforto (para não dizer desconfiança) no leitor, desconforto esse que se agrava ao longo de todo o livro, sobretudo por causa dos silêncios sistemáticos a que a guerra e alguns detalhes da viagem são submetidos. Quando teve lugar o périplo ibérico de Willy Andreas? Começou «num dos primeiros dias de Março», concede o autor<sup>24</sup>. O ano, contudo, é omitido. O mesmo se passa em relação à guerra, a qual é sugerida (mais do que mencionada) apenas num breve comentário, já claramente escrito no pós-guerra, quando Andreas interrompe abruptamente um discurso directo descritivo, em que relata as visões e os pensamentos que o assaltam ao sobrevoar a França, e observa:

---

<sup>21</sup> ANDREAS, 1949: 9.

<sup>22</sup> ANDREAS, 1949: 9.

<sup>23</sup> ANDREAS, 1949: 10.

<sup>24</sup> ANDREAS, 1949: 11.

«Wir wußten ja *damals schon*, wie sehr sich die Stimmung in Frankreich gegen die Besatzung verschärft hatte und wie heftig sich die Widerstände geheim und offen zusammenballten»<sup>25</sup>. O passado e a guerra pairam como uma sombra sobre todo o livro, assombram-no e ensombram-no, constituem-se como uma espécie de ausência sempre presente que o leitor não pode ignorar. A ausência de coordenadas referenciais, especialmente das coordenadas temporais, marca, assim, decisivamente todo o texto e só é compensada pela riqueza das muitas ilustrações fotográficas que dão ao livro o cunho de autenticidade característico da literatura de viagens.

Na última página da obra, fica uma breve e lacónica nota biográfica do autor — «Dr. phil. WILLY ANDREAS, ordentlicher Professor für neuere Geschichte in Heidelberg. Geboren am 30. Oktober 1884 in Karlsruhe i. B. Korrespondierendes Mitglied der Berliner und der Münchner Akademie der Wissenschaften» — e uma lista das suas publicações<sup>26</sup>. A lista enumera, de facto, as principais obras do autor, mas omite, por exemplo, um volume particularmente crítico da política «imperialista» da Inglaterra, intitulado *Englands Machtpolitik* e da autoria do seu sogro, o historiador Erich Marcks, que Andreas significativamente editou e prefaciou um ano após o início da Segunda Guerra Mundial<sup>27</sup>. Mais: a lista é completamente omissa em relação à colaboração de Andreas com a imprensa nacional-socialista. Aí não constam os seus artigos surgidos no jornal «Hakenkreuzbanner: Nationalsozialistisches Kampfblatt Nordwestbadens»<sup>28</sup> ou as notas históricas publicadas em «Der Führer: Das badische Kampfblatt für nationalsozialistische Politik und deutsche Kultur»<sup>29</sup>, nem o discurso proferido por ocasião da matrícula de novos alunos na Universidade de Heidelberg, em 15 de Maio de 1933, e publicado na revista «Forschungen und Fortschritte», sob o título *Nationalsozialismus und Universität*<sup>30</sup>. As palavras que o então ainda reitor da universidade de Heidelberg dirigiu aos estudantes, apenas quatro dias depois da primeira queima de livros em Heidelberg<sup>31</sup> merecem ser recordadas porque não deixam grandes margens para dúvidas em relação ao seu alinhamento com o novo regime alemão:

*Der Entwicklungsmarkstein, den der Nationalsozialismus mit diesen grundstürzenden Umbildungen gesetzt hat, darf nicht mehr nach rückwärts verrückt werden. [...] Der Nationalsozialismus ist Deutschlands Schicksal geworden! Er muß seine Sendung erfüllen*<sup>32</sup>.

<sup>25</sup> ANDREAS, 1949: 18.

<sup>26</sup> ANDREAS, 1949: 214.

<sup>27</sup> MARCKS, 1940.

<sup>28</sup> ANDREAS, 1932, 1943, 1944.

<sup>29</sup> ANDREAS, 1936, 1940. Note-se que a colaboração de Andreas na imprensa nacional-socialista é bastante mais vasta e está ainda por inventariar. A lista das publicações aqui referenciadas está, portanto, muito longe de ser exaustiva.

<sup>30</sup> ANDREAS, 1933.

<sup>31</sup> Cf. JANSEN, 1992: 234-235.

<sup>32</sup> ANDREAS 1933: 290.

E Andreas prossegue, antecipando que na universidade, nas humanidades e na História são esperadas grandes mudanças que irão ao encontro das doutrinas nacional-socialistas:

*Im Gesicht der Geisteswissenschaften dürften sich die Jüngsten revolutionären Wandlungen und Erlebnisse, in deren Fluß wir uns befinden, besonders einprägsam abzeichnen. Die Geschichte wird wieder dartun, daß sie Lehrmeisterin der Völker und der Jugend sein kann, wenn diese nur gewillt sind, vom Historiker zu lernen, in dessen Betrachtung sowohl die Erscheinungen des großen führenden Menschen als auch der Massen eingehen. Vernachlässigte oder im Werden begriffene Wissensgebiete, wie die Volkskunde, wie Vorgeschichte und Rassenkunde erhoffen Aufschwung und sorgfältigere Pflege<sup>33</sup>.*

Estas afirmações de 1933 dificilmente poderiam contrastar mais com o que fica dito no prefácio do relato de viagem de 1949 em relação ao seu silêncio sobre os regimes ditatorais dos dois países ibéricos:

*Beobachtungen politischer Art konnte ich nur wenige machen. Denn in Ländern, wo eine Diktatur herrscht, pflegt man, wie jedermann weiß, das Herz nicht gerade auf der Zunge zu tragen, und der ausländische Gast wird sich in schwieriger Zeit- und Seelenlage ja wohl auch nicht versucht fühlen, mit der Tür ins Haus zu fallen<sup>34</sup>.*

Há uma diferença radical entre os contextos de 1933 e de 1949, entre o percurso de vida do autor e a nota biográfica deixada no final do livro, assim como entre as notas de viagem iniciais destinadas à família e a reescrita dessas notas para publicação, que tornam o texto nebuloso, complexo e, não raro, labiríntico. Em todo o caso, os dois capítulos dedicados a Portugal, um a Lisboa e o outro a Sintra, ajudam, em grande medida, a resolver os problemas decorrentes da ausência de uma referencialidade temporal bem definida no texto, tornando assim possível uma reconstrução histórica fidedigna do enquadramento político da viagem que esteve na base do livro.

As referências às refeições na companhia do romanista Karl Vossler (em Madrid), do filósofo Hans-Georg Gadamer e do físico Carl Friedrich von Weizsäcker (filho do antigo ministro dos Negócios Estrangeiros, Ernst von Weizsäcker), ou a indicação

---

<sup>33</sup> ANDREAS, 1933: 292. Em todo o caso, deve acrescentar-se que a relação de Andreas com o nacional-socialismo e, mais especificamente, com os estudantes nacional-socialistas da Universidade de Heidelberg é bastante mais problemática do que aquilo que estas declarações públicas parecem dar a entender. Sobre Andreas e a Universidade de Heidelberg daquele período vejam-se, entre outros, DOERR, iii, *ed.*, 1985; DRÜLL, 2019: 86-87; ECKART, SELLIN, WOLGAST, *eds.*, 2006; JANSEN, 1992: 229-297; VEZINA, 1982; WILSON, 1996: 396-397.

<sup>34</sup> ANDREAS, 1949: 10.

de que a palestra por si proferida em Lisboa foi feita no recém-fundado instituto de cultura alemã, onde Vossler também já discursara por ocasião da sua inauguração<sup>35</sup>, permitem situar a viagem em Março de 1944. O que significa que o périplo ibérico de Andreas estava claramente integrado na ofensiva que a propaganda alemã levou a cabo em Portugal nos primeiros meses de 1944<sup>36</sup> e teve portanto um inegável enquadramento político-cultural (cuidadosamente omitido no relato de 1949).

As observações que Willy Andreas deixa sobre Lisboa e arredores são triviais e relativamente fugidias, já que, na verdade, as paisagens, os costumes, os habitantes e os monumentos lhe servem fundamentalmente de pretexto para longas digressões históricas sobre a Restauração<sup>37</sup>, o Marquês de Pombal<sup>38</sup>, o terramoto de Lisboa<sup>39</sup> ou os Descobrimentos<sup>40</sup>. No entanto, as observações sobre a figura polémica de Pombal merecem destaque pela relevância que parecem ter para o autor, na medida em que lhe permitem tomar posição em relação ao autoritarismo do Marquês e, por extensão, a qualquer tipo de autoritarismo. Sublinhando que «Pombal wird sofort zum Prüfstein der Weltanschauung»<sup>41</sup>, e depois de traçar um quadro negro do violento «furor» político do ministro português, Andreas não hesita em mostrar de que lado está — quer dizer, de que lado está em 1949, bem entendido — e conclui sobre o Marquês: «Ein Despot bleibt er [...] auf jeden Fall. Meinetwegen ein aufgeklärter Despot.»<sup>42</sup>

O relato de Andreas torna-se entretanto especialmente interessante quando confrontado com a memória que um dos seus comensais já atrás mencionado, Hans-Georg Gadamer, deixou da mesma viagem. De facto, as páginas que Gadamer dedica à viagem a Portugal na sua autobiografia<sup>43</sup> proporcionam uma perspectiva diferente

<sup>35</sup> ANDREAS, 1949: 130.

<sup>36</sup> Detalhes sobre esta ofensiva propagandístico-cultural alemã em Portugal, ofensiva essa a que não deverá ter sido alheio o anúncio público da cedência das bases nos Açores aos Aliados no início de Outubro de 1943, estão disponíveis no primeiro e único número da «Revista do Instituto de Cultura Alemã» (CRÓNICA, 1944), em que foram também publicadas as conferências de Vossler e Weizsäcker proferidas na inauguração do instituto, em Lisboa; cf. NINHOS, 2016b: 251-253 e, especialmente, HAUSMANN, 2001: 334-352. Em 1 de Fevereiro de 1944, Vossler já havia feito em Lisboa uma conferência na Academia das Ciências de Lisboa, onde foi apresentado pelo seu presidente, Azevedo Neves, e o Instituto para a Alta Cultura também o homenageou com um banquete onde discursou Gustavo Cordeiro Ramos. A Academia das Ciências publicou na sua «Biblioteca de Altos Estudos» um pequeno volume que inclui os discursos de Azevedo Neves, Cordeiro Ramos e a conferência de Vossler; cf. VOSSLER, 1944. Talvez valha a pena acrescentar que o enquadramento político da viagem de Vossler à Península Ibérica não passou despercebido aos refugiados alemães no exílio, já que, em Abril de 1944, o jornal oposicionista alemão sediado em Londres – «Die Zeitung» – dedicou-lhe um artigo sob o significativo título de *Vossler macht Propaganda*; B., 1944.

<sup>37</sup> ANDREAS, 1949: 135-139.

<sup>38</sup> ANDREAS, 1949: 139-142.

<sup>39</sup> ANDREAS, 1949: 142-146.

<sup>40</sup> ANDREAS, 1949: 150-158.

<sup>41</sup> ANDREAS, 1949: 141.

<sup>42</sup> ANDREAS, 1949: 142.

<sup>43</sup> GADAMER, 1977: 119-121. De Gadamer existe também o relatório oficial da viagem que decorreu entre 12 de Março e 4 de Abril de 1944 e que fica parcialmente transcrito em OROZCO, 1925: 240-243. Sobre estas viagens de intercâmbio universitário, veja-se ALBRECHT, KLAUSNITZER, 2020, em que é também feita referência à viagem de Gadamer a Portugal.



que permite de algum modo perceber melhor os silêncios e algumas zonas mais obscuras do livro de Andreas. Desde logo porque os leitores e docentes alemães que então se encontravam em Portugal, Harri Meier, Joseph M. Piel, Wolfgang Kayser, têm um papel determinante, tanto na organização como no decorrer da própria viagem de Gadamer<sup>44</sup>, que em Coimbra teve, além disso, a oportunidade de participar na cerimónia de imposição das insígnias de doutor a Albin Eduard Beau, a 26 de Março de 1944: «Eine deutsche feierliche Doktorpromotion in Coimbra, an der ich teilnahm, war vollends wie eine Szene aus einer mittelalterlichen Welt, mit Talaren und Zeremonien, Wechselreden und Bruderküssen.<sup>45</sup>»

A presença desta comunidade académica alemã em Portugal marca uma diferença relevante entre os dois textos. No caso de Andreas, não é feita qualquer menção a estes docentes (por pudor político? Em virtude do seu vínculo político-institucional ao regime alemão na época?). Em vez disso, é dado destaque à presença do germanista Cordeiro Ramos («antigo ministro», «doutor *honoris causa* por Heidelberg») a encabeçar «o círculo da melhor sociedade lisboeta» que assistiu a uma das conferências de Andreas, a António José Brandão (tradutor da monografia do então pastor evangélico alemão em Lisboa, Lothar Thomas, sobre a filosofia portuguesa)<sup>46</sup> e a algumas figuras da comunidade alemã de Lisboa, entre as quais se contava o mesmo Lothar Thomas<sup>47</sup>.

Em face da paisagem humana que habita os dois textos, dir-se-ia que o jovem filósofo de Leipzig e o antigo reitor da Universidade de Heidelberg frequentaram círculos bastante diferentes na sua passagem por Portugal. É possível que assim seja, pelo menos em parte, tendo em conta a diferença geracional entre ambos os autores. Mas é também possível que o silêncio de Gadamer sobre uma figura institucional como Gustavo Cordeiro Ramos, ou o silêncio de Andreas sobre os docentes alemães em Portugal seja deliberado. Seja como for, o aspecto que aqui importa reter é justamente a importância e solidez das redes luso-alemãs na época, a sua diversidade, abrangência (em termos académicos e sociais) e a sua continuidade geracional. Igualmente interessante, por outro lado, é verificar como ambos os autores são referenciados nos textos um do outro. É que se Andreas se referia a Gadamer num tom indiscutivelmente simpático — «ich speiste öfters mit dem Philosophen Gadamer aus Leipzig, der noch an einem für Coimbra und Porto bestimmten Vortrag über Faust arbeitete, und verstand mich gut mit ihm. Ein vielseitig gebildeter, angeregter Gelehrter, menschenkundig und nicht ohne Humor»<sup>48</sup> —, o mesmo já não sucede

<sup>44</sup> GADAMER, 1977: 121: «Dank dem Verständnis meiner dortigen Kollegen: Harri Meier, Wolfgang Kayser, Piel u. a. wurde aus einem Vortrag und einer Woche mehrere.»

<sup>45</sup> GADAMER, 1977: 121.

<sup>46</sup> THOMAS, 1944.

<sup>47</sup> ANDREAS, 1949: 130-131, 148-149.

<sup>48</sup> ANDREAS, 1949: 130.

no modo como Gadamer recorda o encontro entre os dois em Lisboa: «In Lissabon traf ich außer mit deutschen Gelehrten wie Willy Andreas, der ein bißchen peinlich in Propagandatöne verfiel, mit Ortega y Gasset zusammen.<sup>49</sup>»

## METAMORFOSES

O relato da viagem ibérica de Willy Andreas serve fundamentalmente para o autor se reinventar publicamente face a um passado complexo, problemático e ambíguo. O silêncio a que a política é sujeita no texto — silêncio em relação à situação política de 1944 e também de 1949 (note-se que o nome de Salazar não é mencionado uma única vez) —, a recusa do despotismo e a distância em relação ao autoritarismo, que se procura também deixar sempre bem explícita ao longo do livro, decorre de uma encenação deliberada e intencional do viajante que, desde o início, assume ter como *compagnon de route* nada mais nada menos do que o empático, o cosmopolita, o tolerante, enfim, o humanista Goethe:

*Kurz bevor ich zur Reise mich rüstete, las ich in Goethes Gesprächen mit Eckermann ein Wort, das mir tiefen Eindruck machte. Es gebe, sagte Goethe, eine Stufe, wo der Nationalhaß ganz entschwinde und man Glück oder Wehe seines Nachbarvolkes empfinde, als sei es dem eigenen begegnet! — Der Ausspruch war mir in diesem Augenblick, wo die Südhänge der Vogesen an mir vorüberzogen, so gegenwärtig, als hätte ihn der Dichter gestern unmittelbar zu mir getan<sup>50</sup>.*

Andreas dificilmente podia ter escolhido melhor companhia em 1949, ano em que se comemorava, pela primeira vez depois da guerra, o bicentenário do nascimento de Goethe. Na Alemanha do pós-guerra, os caminhos da reabilitação («renascença» ou «restauração»)<sup>51</sup> de Goethe e os caminhos da reabilitação de Andreas são caminhos paralelos que se cruzam em vários momentos, como de resto já se haviam cruzado no período nazi<sup>52</sup>. Significativamente, Andreas é um dos historiadores que mais contribui para a idolatração do Goethe humanista e político<sup>53</sup>, ignorando os apelos que Karl Jaspers fizera em 1947 (dois anos antes, portanto, da publicação do livro de Andreas e das comemorações do bicentenário de Goethe) no discurso de aceitação do Prémio Goethe que lhe havia sido atribuído pela cidade de Frankfurt:

---

<sup>49</sup> GADAMER, 1977: 121.

<sup>50</sup> ANDREAS, 1949: 13.

<sup>51</sup> Cf. BAHN, 1990.

<sup>52</sup> Cf. WILSON, 1996.

<sup>53</sup> Cf. ANDREAS, 1953; *ed.*, 1954.

*Wir dürfen keinen Menschen vergöttern. Die Zeit des Goethe-Kultus ist vorbei. Um echte Nachfolge zu ermöglichen, dürfen wir den Blick in den brüchigen Grund des Menschseins nicht verlieren. [...] Wir finden bei Goethe gleichsam Erholung und Ermunterung, nicht aber die Befreiung von der Last, die uns auferlegt ist, nicht die Führung durch die Welt, die die unsere ist, und die Goethe nicht kannte. [...] Goethe ist nicht Vorbild zur Nachahmung*<sup>54</sup>.

Com efeito, o político Goethe, que, enquanto ministro de Weimar, votara a favor da execução de uma jovem mãe acusada de infanticídio (como o mesmo Jaspers recordava no seu discurso comemorativo do bicentenário de Goethe, em 1949)<sup>55</sup>, dificilmente poderia ser considerado um modelo para a sociedade alemã após 1945. Mas numa sociedade derrotada e devastada pela guerra, ávida de uma identidade político-cultural que lhe permitisse sobreviver no novo mundo do pós-guerra, os alertas de Jaspers não conseguiram romper os silêncios impostos em torno das zonas mais obscuras e dúbias de figuras históricas, como Goethe, capazes de cristalizar os ideais humanistas alemães.

Tal como o «culto de Goethe», a metamorfose política de Andreas no pós-guerra é marcada por silêncios ruidosos e continuidades indisfarçáveis. No que especificamente diz respeito ao historiador alemão, importa naturalmente salientar que o seu percurso político-biográfico não difere de muitos outros intelectuais alemães da época, mas o seu livro de viagens à Península Ibérica constitui um caso particularmente elucidativo da própria fase de transição que então se vivia. A este título, registe-se, em primeiro lugar, a função higienizante que a Península Ibérica tem no momento da metamorfose do seu autor e, em segundo lugar, o facto de, com o seu livro, Andreas ilustrar exemplarmente as continuidades subjacentes à Alemanha do pós-guerra, já que o seu relato de viagem ibérico, publicado em 1949, tem origem e, simultaneamente, dá continuidade a uma viagem realizada em 1944.

## BIBLIOGRAFIA

- ALBRECHT, Andrea *et al.*, eds. (2022). *Internationale Wissenschaftskommunikation und Nationalsozialismus: Akademischer Austausch, Konferenzen und Reisen in Geistes- und Kulturwissenschaften 1933 bis 1945*. Berlin: De Gruyter.
- ALBRECHT, Andrea; KLAUSNITZER, Ralf (2020). «Trotz mancher Schwierigkeiten»: Zu den Auslandsreisen deutscher Geisteswissenschaftler zwischen 1933 und 1945. «Berichte zur Wissenschaftsgeschichte» 43:1, 48-73.

---

<sup>54</sup> JASPERS, 1951a: 43-44 (sublinhados no original). Uma visão contemporânea destas comemorações de 1949, e também das polémicas e discussões que então agitaram a opinião pública alemã, é proporcionada por GUMP, 1951.

<sup>55</sup> Cf. JASPERS, 1951b: 61.

- ALLEMANN, Beda, ed. (1983). *Literatur und Germanistik nach der «Machtübernahme»: Colloquium zur 50. Wiederkehr des 30. Januar 1933: Studium Universale und Germanistisches Seminar Der Universität Bonn: Vorträge am 27. und 28. Januar 1983*. Bonn: Bouvier.
- AN DIE KULTURWELT (1914). «Freiburger Zeitung», Morgenausgabe (5 out. 1914) 2.
- ANDREAS, Willy (1932). *Deutschland vor der Reformation: Eine Zeitwende*. «Hakenkreuzbanner: Nationalsozialistisches Kampfblatt Nordwestbadens». (25 ago. 1932) 3.
- ANDREAS, Willy (1933). *Nationalsozialismus und Universität*. «Forschungen und Fortschritte» 9:14, 291-292.
- ANDREAS, Willy (1936). *Napoleon III. und Wilhelm I*. «Der Führer am Sonntag: Das badische Kampfblatt für nationalsozialistische Politik und deutsche Kultur». (16 set. 1936) 5.
- ANDREAS, Willy (1940). *Zum Gedächtnis Gneisenaus und Moltkes*. «Der Führer am Sonntag: Das badische Kampfblatt für nationalsozialistische Politik und deutsche Kultur». (27 out. 1940) 1.
- ANDREAS, Willy (1943). *Geschichte und Gegenwart*. «Hakenkreuzbanner: Nationalsozialistisches Kampfblatt Nordwestbadens». (2 mar. 1943) 2.
- ANDREAS, Willy (1944). *Das königliche Vorbild des großen Menschen*. «Hakenkreuzbanner: Nationalsozialistisches Kampfblatt Nordwestbadens». (31 mai. 1944) 3.
- ANDREAS, Willy (1949). *Reisebilder aus Spanien und Portugal*. München: Münchner Verlag.
- ANDREAS, Willy (1953). *Carl August von Weimar: Ein Leben mit Goethe, 1757-1783*. Stuttgart: G. Kilpper.
- ANDREAS, Willy, ed. (1954). *Politischer Briefwechsel des Herzogs und Grossherzogs Carl August von Weimar*. Stuttgart: Deutsche Verlags-Anstalt, 3 vols.
- B., F (1944). *Karl Vossler macht Propaganda*. «Die Zeitung». (14 abr. 1944) 8.
- BAHR, Erhard (1990). *Die Goethe-Renaissance nach 1945: Verspieltes Erbe oder verhinderte Revolution?* «Goethe Yearbook» 5:1, 1-24.
- BAUERKÄMPER, Arnd; ROSSOLIŃSKI-LIEBE, Grzegorz, eds. (2017). *Fascism without Borders: Transnational Connections and Cooperation between Movements and Regimes in Europe from 1918 to 1945*. New York: Berghahn Books.
- BECKER, Heinrich; DAHMS, Hans-Joachim; WEGELER, Cornelia, eds. (1998). *Die Universität Göttingen unter dem Nationalsozialismus*. Zweite, erweiterte Ausgabe. München: K.G. Saur.
- BEKENNTNIS der Professoren an den deutschen Universitäten und Hochschulen zu Adolf Hitler und dem nationalsozialistischen Staat (1933). Dresden: W. Limpert.
- BIALAS, Wolfgang; RABINBACH, Anson, eds. (2007). *Nazi Germany and the Humanities: How German Academics Embraced Nazism*. Oxford: Oneworld.
- BROUWER, Aron (2022). *The Pan-Fascist Paradox: How Does a Nationalist-Minded Fascist Think Transnationally?* «Fascism» 11(1): 1-30.
- CLARA, Fernando (2013). *O modelo universitário alemão e o ensino superior em Portugal no início da década de 30*. «Colóquio/Letras» (Suplemento) 184: 15-39.
- CONNELLY, John; GRÜTTNER, Michael, eds. (2005). *Universities under Dictatorship*. University Park, PA: Pennsylvania State University Press.
- CRÓNICA (1944). «Revista do Instituto de Cultura Alemã/Zeitschrift des Deutsche Kulturinstitut Lissabons». 1:1, 109-112.
- DAFINGER, Johannes (2017). *Show solidarity, live solitarily: The Nazi «New Europe» as a «family of peoples»*. «European Review of History: Revue européenne d'histoire». 24:6, 905-917.
- DAFINGER, Johannes; POHL, Dieter, eds. (2019). *A New Nationalist Europe under Hitler: Concepts of Europe and Transnational Networks in the National Socialist Sphere of Influence, 1933-1945*. London; New York: Routledge.

- DELILLE, Maria Manuela (2003). *Publicações do período nacional-socialista existentes no Instituto de Estudos Alemães da Faculdade de Letras de Coimbra: catálogo bibliográfico*. Coimbra: Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos.
- DOERR., Wilhelm, ed. (1985). *Semper Apertus: Sechshundert Jahre Ruprecht-Karls-Universität Heidelberg 1386-1986*. Berlin; Heidelberg: Springer, 6 vols.
- DOW, James R.; LIXFELD, Hannjost, eds. (1994). *The Nazification of an Academic Discipline: Folklore in the Third Reich*. Bloomington, IN: Indiana University Press.
- DRÜLL, Dagmar (2019). *Heidelberger Gelehrtenlexikon 1803-1932*. 2. Auflage. Wiesbaden: Springer.
- ECKART, Wolfgang Uwe; SELLIN, Volker; WOLGAST, Eike, eds. (2006). *Die Universität Heidelberg im Nationalsozialismus*. Heidelberg: Springer Medizin.
- ERKLÄRUNG der Hochschullehrer des Deutschen Reiches/Déclaration des professeurs des Universités et des Écoles supérieures de l'Empire allemand (1914). Berlin: [Klokow].
- FLITNER, Andreas, ed. (1965). *Deutsches Geistesleben und Nationalsozialismus: Eine Vortragsreihe der Universität Tübingen*. Tübingen: Wunderlich.
- GADAMER, Hans-Georg (1977). *Philosophische Lehrjahre: Eine Rückschau*. Frankfurt am Main: Klostermann.
- GOLCZEWSKI, Frank (1988). *Kölner Universitätslehrer und der Nationalsozialismus: Personengeschichtliche Ansätze*. Köln: Böhlau.
- GRÜTTNER Michael et al., eds. (2010). *Gebrochene Wissenschaftskulturen: Universität und Politik im 20. Jahrhundert*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht.
- GUMP, Margaret (1951). *Das Goethejahr 1949*. «Deutsche Vierteljahrsschrift für Literaturwissenschaft und Geistesgeschichte» 25:4, 485-505.
- HAUSMANN, Frank-Rutger (2001). «Auch im Krieg schweigen die Musen nicht»: die Deutschen Wissenschaftlichen Institute im Zweiten Weltkrieg. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht.
- HAUSMANN, Frank-Rutger, ed. (2002). *Die Rolle der Geisteswissenschaften im Dritten Reich, 1933-1945*. München: R. Oldenbourg.
- IRIYE, Akira (2013). *Global and Transnational History: The Past, Present, and Future*. Basingstoke: Palgrave Macmillan.
- JANSEN, Christian (1992). *Professoren und Politik: Politisches Denken und Handeln der Heidelberger Hochschullehrer 1914-1935*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht.
- JASPERS, Karl (1951a). *Unsere Zukunft und Goethe (1947)*. In *Rechenschaft und Ausblick: Reden und Aufsätze*. München: R. Piper, pp. 26-49.
- JASPERS, Karl (1951b). *Goethes Menschlichkeit (1949)*. In *Rechenschaft und Ausblick: Reden und Aufsätze*. München: R. Piper, pp. 50-68.
- JÜTTE, Robert (2011). *Medizin und Nationalsozialismus: Bilanz und Perspektiven der Forschung*. Göttingen: Wallstein.
- MARCKS, Erich (1940). *Englands Machtpolitik: Vorträge und Studien*. Stuttgart; Berlin: Deutsche Verlags-Anstalt.
- NINHOS, Cláudia (2016a). *Portugal at the «Third Front»*. In CLARA, Fernando; NINHOS, Cláudia, eds. *Nazi Germany and Southern Europe, 1933-45: Science, Culture and Politics*. Basingstoke; New York: Palgrave Macmillan, pp. 120-140.
- NINHOS, Cláudia (2016b). *Para que Marte não afugente as Musas. A Política Cultural Alemã em Portugal e o Intercâmbio (1933-1945)*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa. Tese de doutoramento.
- OROZCO, Teresa (1995). *Platonische Gewalt: Gadammers politische Hermeneutik des NS-Zeit*. Hamburg: Argument-Verlag.
- REIN, Gustav Adolf (1933). *Die Idee der politischen Universität*. Hamburg: Hanseatische Verlagsanstalt.

- REIN, Gustav Adolf (1934). *Antrittsrede von Professor Dr. Rein über «Die politische Universität»*. Reden gehalten bei der Feier des Rektorwechsels am 5. November 1934. Hamburg: Boysen, pp. 18-38.
- REIN, Gustav Adolf (1937). *A ideia da Universidade política*. Trad. João da Providência Costa. «Boletim do Instituto Alemão». vi–vii: 118-144.
- SCHMIDT, Eberhard (1934). *Bericht über das Geschäftsjahr 1933/34, erstattet von dem Prorektor Professor Dr. E. Schmidt*. In *Reden gehalten bei der Feier des Rektorwechsels am 5. November 1934*. Hamburg: Boysen, pp. 5-15.
- THOMAS, Lothar (1944). *Contribuição para a história da filosofia portuguesa*. Trad. António José Brandão. Lisboa: Livr. Clássica Ed.
- TORGAL, Luís Reis (2000). *Germanismo e germanofilia numa revista universitária: O Boletim do Instituto Alemão da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (1926-1943)*. In SIEPMANN, Helmut, ed. *Portugal, Indien und Deutschland/Portugal, Índia e Alemanha*. Köln/Lisboa: Centro Estudos Históricos da UNL/Zentrum Portugiesischsprachige Welt Universität zu Köln, pp. 495-509.
- TORGAL, Luís Reis (2009). *Estados novos, Estado Novo: Ensaios de história política e cultural*. Coimbra: Imprensa Universidade de Coimbra, 2 vols.
- TORGAL, Luís Reis (2019). «Germanófilos»... *Visões da literatura e da cultura alemãs durante o Estado Novo e o nazismo*. «Cultura. Revista de História e Teoria das Ideias». 36: 329-354.
- UNIVERSITÄTSTAGE 1966: *Nationalsozialismus und die deutsche Universität* (1966). Berlin: De Gruyter.
- VERHANDLUNGEN der Germanisten über Schleswig-Holstein (1846). «Allgemeine Zeitung» 270 (27 set. 1846) 2153, 2156-2157.
- VEZINA, Birgit (1982). «Die Gleichschaltung» der Universität Heidelberg im Zuge der nationalsozialistischen Machtergreifung. Heidelberg: C. Winter.
- VOSSLER, Karl (1944). *Realismo e religião na poesia luso-espanhola do século de ouro*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa.
- WEINREICH, Max (1946). *Hitler's Professors: The Part of Scholarship in Germany's Crimes Against the Jewish People*. New York: Yiddish Scientific Institute.
- WILSON, W. Daniel (1996). *Tabuzonen um Goethe und seinen Herzog: Heutige Folgen nationalsozialistischer Absolutismuskonzeptionen*. «Deutsche Vierteljahrsschrift für Literaturwissenschaft und Geistesgeschichte» 70:3, 394-442.